



# Cinema

Ano 1º  
Nº 13

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço  
1,00

Na Capa: — Maurice Chevalier, no papel de Niki, em «O Tenente Sedutor»

Redactores: João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração: Rua do Bomjardim, 436 3.º PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas: Trimestre, 12\$00. Sem. 24\$00, Ano, 46\$00 — Ultramar: Trimestre, 14\$50, Sem. 29\$00, Ano 56\$00.

Administrador e Editor: Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas da Empresa AQUILA Rua Duque Saldanha, 312 PORTO

Reparou em que o seu barco só estava rodeado por cardumes de pequenos peixes, que costumam atrair os tubarões; respirou profundamente duas ou três vezes, meteu no *pareo* a faca que lhe servia para se defender ou para arrancar os moluscos dos rochedos, fixou a corda, com o peso de chumbo, ao artelho de pé direito e sentou-se, por fim, apertando o nariz, no rebordo da piroga.

Mais uma vez, Matahi respirou a plenos pulmões, com lentidão. Depois, deixando-se escorregar de repente, arrastado a toda a velocidade para o vacuo e para o escuro, enfiou-se na agua a direito, num feixe de bolhas fosforescentes. A medida que descia, a agua tornava-se cada vez mais fria e a vista alcançava cada vez menos. Os peixes roçavam-no, admirados, com as suas barbatanas.

Nalguns segundos, atingiu o fundo; os seus pés poisaram nos corais (um europeu ficaria golpeado como com navalha de barba); e as suas mãos começaram a tatear, procurando as ostras. Escapavam-se das algas, surpreendidos, caranguejos, camarões, miríades de seres misteriosos e infinitamente pequenos; o homem, atento ao mesmo tempo ao estremecimento especial das aguas que a passagem do tubarão provoca, e à sua pesca nas trevas, arrancava a plenas mãos ostras que prendia na cinta.

Passados dois minutos, sentindo os pulmões vazios de ar, subiu como uma flecha e respirou longamente, agarrado ao balancim. Depois, saltou para a piroga, abriu as ostras recolhidas. Apenas encontrou uma pérola minúscula. Desanimado, o homem arremessou para longe, sobre a agua, as escamas que ressaltavam em ricochetes e depois desapareciam, em movimentos de vaivem, nas camadas escuras.

Matahi puxou a corda e preparou-se para mergulhar de novo. Acontecia-lhe às vezes repetir a façanha cinco a seis vezes durante a manhã. Mas, além de sofrer todo o resto do dia de violentas dores de cabeça, cada descida tornava-se mais perigosa, porque a atenção dos esqualos era finalmente atraída por aquela presença insólita, que punha em sobressalto todo o pequeno povo do mar.

Matahi repetiu, pois, a tentativa, animado por uma esperança imensa. *Tinha de voltar* para Bora-Bora! Pensava que, se pudesse encontrar uma pérola de dez mil ou vinte mil dólares, como já lhe acontecera uma vez, não só poderia voltar para o seu país, reencontrar a sua família e os seus amigos, mas também, à

*Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty*

## “Tabu”

Apresentada pela “Paramount”

12 — (Continuação)

força de dinheiro e de humildade, resgatar Reri das mãos de Hitú! Se os deuses — sabe-se lá nunca! — se deixassem enternecer? Se encontrasse uma substituta das Rainhas das Ilhas? Balouçava-se nestas risonhas esperanças quando se lançou de novo. Eram elas que lhe davam coragem e a vontade dum novo esforço.

Mas de repente, quando amontoava no *pareo* a presa conquistada, sentiu passar por cima d'ele uma longa sombra esbranquiçada, afuselada e silenciosa.

Ao mesmo tempo, o ombro foi acariciado por um roçar viscoso que conhecia muito bem. Voltou-se bruscamente e meteu-se no vão duma rocha, Um tubarão! Um tubarão pelo menos de três metros!

Subir? Matahi não podia pensar nisso. O esqualo era mais rápido do que ele. Tinha um só partido a tomar: combater, tentar a sorte. Se o polinésio conseguisse ferir o seu terrível inimigo, podia ter esperança de não ser perseguido até à superfície. Reteve a respiração e pegou na faca.

### CAPÍTULO V

Quando Matahi despertou do seu torpor, esgotado, precisou de alguns minutos para reflectir, para reunir as ideias: que estava a fazer ali, naquela fornalha de sal? Depois, recordou-se. Tirou logo do cinto as dez ou quinze ostras que conseguira apanhar nas profundezas.

Era a sua última probabilidade, porque não sentia forças para mergulhar outra vez. Precisava do resto do dia para se refazer do abalo nervoso, da depressão física, das perturbações da vista e do ouvido.

Começou a abrir as ostras achatadas com a faca. Esquadrinhava com os dedos habituados às carnes moles, esperando sentir, sob o polegar, as asperezas do nacar.

Recolheu apenas uma pequena pérola. Era uma presa insignificante para o que ele precisava. Pouca sorte! E fora por cem dólares, talvez, que ele arriscara a vida e matara o tubarão Tabú na baía Tabú!

Continuou, pois, a procurar com fúria. Um após outras, as escamas desfilaram. Quando lhe restaram apenas duas, parou, cheio de receio e de desgosto. Três pérolas minúsculas brilhavam na fatídica caixa de fósforos. Era caso para desesperar. Como havia de abandonar a ilha dos civilizados, reconquistar Bora-

-Bora e a sua vida de paraíso? E também como havia de resgatar Reri do feiticeiro Hitú? Invasido de profundo desânimo, pegou na pagaia e afastou-se. Diante dele, a seus pés, já secas pelo sol tropical, contemplava as duas últimas ostras ainda fechadas... ainda intactas. E as mais belas, as mais grossas. As que davam a Matahi, ao desgraçado Matahi, as maiores probabilidades: mas não se atrevia a tentar o gesto decisivo.

— Abri-las-ei lá diante, quando transpuser o cabo, onde as palmeiras mergulham as suas raízes na onda, — pensava êle.

O mar tinha engrossado, com um vento aliseo, que expulsava do ceu as grandes nuvens redondas como um fumo de explosão. Matahi, bem seguro na sua embarcação, lutava contra uma ondulação violenta. Ao longe, distinguiam-se velas triangulares. Os pescadores regressavam, voltando costas à colera espumosa dos «deuses do sol».

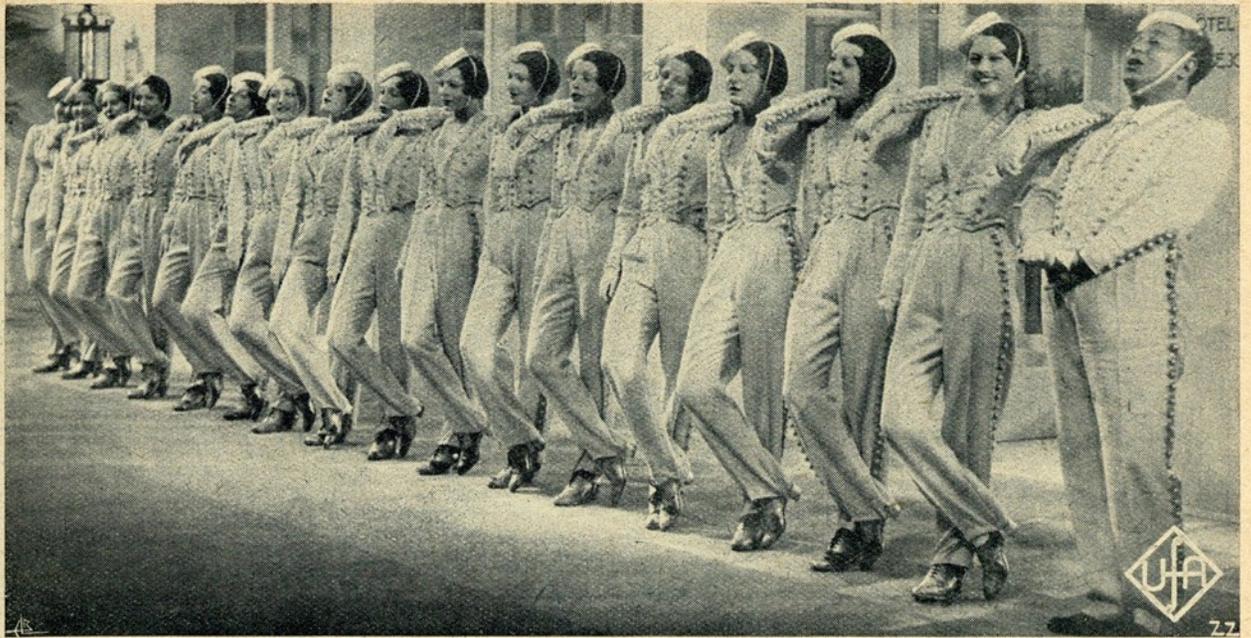
Matahi não tardaria a ficar só entre os vales das vagas, entregue a si-mesmo.

Mas não tinha medo. Toda a sua juventude fora feita de acrobacias náuticas. Quando as marés do equinócio arremessavam à prai de Bora-Bora montanhas líquidas, êle cavalgava-as, em pé numa fina prancha de «tamanu» e sabia brincar com o furor dos vagalhões, deixando-se arrastar por êles, nunca os atacando de frente!

Passado o cabo, onde teve de redobrar de atenção por causa das correntes contrárias que embatiam num pequeno *maelstrom*, e faziam remoanar o barco, Matahi parou um minuto na enseada que conhecia, para respirar e principalmente para abrir a ostra prometida ao seu esforço. Fechando os olhos, e pronunciando uma fórmula ritual, apoderou-se da primeira que a sua mão encontrou e abriu-a com uma pancada seca. Os seus dedos trituravam já o animal. Nada! Nada! com um gesto de desespero, atirou-a às rochas avermelhadas, onde estalou em mil escamas de prata.

Mais triste ainda, Matahi pegou outra vez no remo e continuou caminho. Não devia pensar mais naquillo. Teria de estar toda a vida preso àquelas costas. Nunca mais conseguiria ganhar os três mil dólares da companhia. Um mergulhador de pérolas morre novo, esgotado por tantos esforços excessivos... Os seus ossos não iriam repousar na terra de seus pais; e, coisa mais grave ainda! Talvez não pudesse reter Reri, obsidiada pelo temor religioso!

(Continua)



Nos modernos hotéis, agora é assim. Os «grooms» são substituídos por «girls», corpos de baile género Tiller ou Albertina Rasch. E que corpos... estes que nos apresenta o filme-opéreta «Dois Corações a Compasso», que Wilhelm Thiele acaba de dirigir para a «Ufa», com Henry Garat ei aí! Lilian Harvey!

## O Cantinho dum Cinéfilo

Vai aproximando-se o fim da temporada — pelo menos já lá vão os melhores dias cinematográficos de 31/32 — e ainda estão por exhibir muitos filmes de valor, recentemente adquiridos, os quais, por certo, vão ser apresentados nos cinemas portugueses na ocasião mais fraca da época, quando as receitas descem sensivelmente, e, conjuntamente, a quota parte dos proventos dos distribuidores.

Em contra-partida, a época começou fraquejante, e, quando se aproximavam os dias fortes da exploração cinematográfica, escasseavam as produções de vulto, os filmes de envergadura e de categoria, escassez que obrigou os cinemas à exhibição de películas que nunca conseguiriam da época que corria, os benefícios máximos que ela poderia e deveria produzir.

Ha aqui uma inversão de posições, de que são culpados os srs. importadores, erro que é preciso evitar para a próxima temporada.

Basta que cada um assente nos seus planos de importação, que vá escolhendo desde já as produções com que deve ser iniciada a próxima época, procurando um equilíbrio entre as suas importações e as suas possibilidades de exhibição, escolhendo os filmes a importar consoante a data provável da apresentação em público, e mantendo, como é conveniente, na ordem dessas apresentações, a ordem cronológica das importações.

Assim se evitaria, de-certo, que se exhibisse em Dezembro «A Noiva da Esquadra», e em Junho «Trader Horn» ou «Anjos do Inferno».

■ ■ ■

Afinal, «Luzes da Cidade» já foi comprada para Portugal. Adquiriu-a Castelo Lopes.

Depois de tanta discussão sobre o filme, de tanta correspondência trocada e de tantas viagens efectuadas entre Lisboa e Paris, os representantes de Charlie Chaplin decidiram preferir Castelo Lopes entre os muitos concorrentes que tem disputado a película.

Não sei ao certo em que condições o filme foi obtido. Suponho que, do lado de Charlie Chaplin houve, sobre as suas primitivas e absurdas exigências, um abaixamento sensível. Mas creio também que o preço pago por Castelo Lopes está ainda muito além daquele por que se pode pagar

um filme — qualquer dos melhores filmes — para exploração em Portugal.

Já disse, neste mesmo lugar, que, com o espirito de concorrência que, nos últimos anos, os nossos alugadores teem manifestado, estragaram o mercado cinematográfico português, valorizando-o demasiadamente aos olhos do produtor estrangeiro. São os próprios importadores, pois, quem tem de conduzir à sua posição normal a cotação do mercado português, de feição a que, lá fóra, não peçam por um filme para Portugal mais do que para a Suécia ou para a Noruega, pouco menos do que para Espanha, de modo a que o exhibidor português possa apresentar um filme a um moderado preço ou percentagem, sem o risco iminente de perder dinheiro, de maneira que esse preço ou essa percentagem deem ao importador o lucro de que necessite.

Pagar um filme para Portugal por vários milhares de dólares, isso não!

Nem mesmo um «Chaplin»!

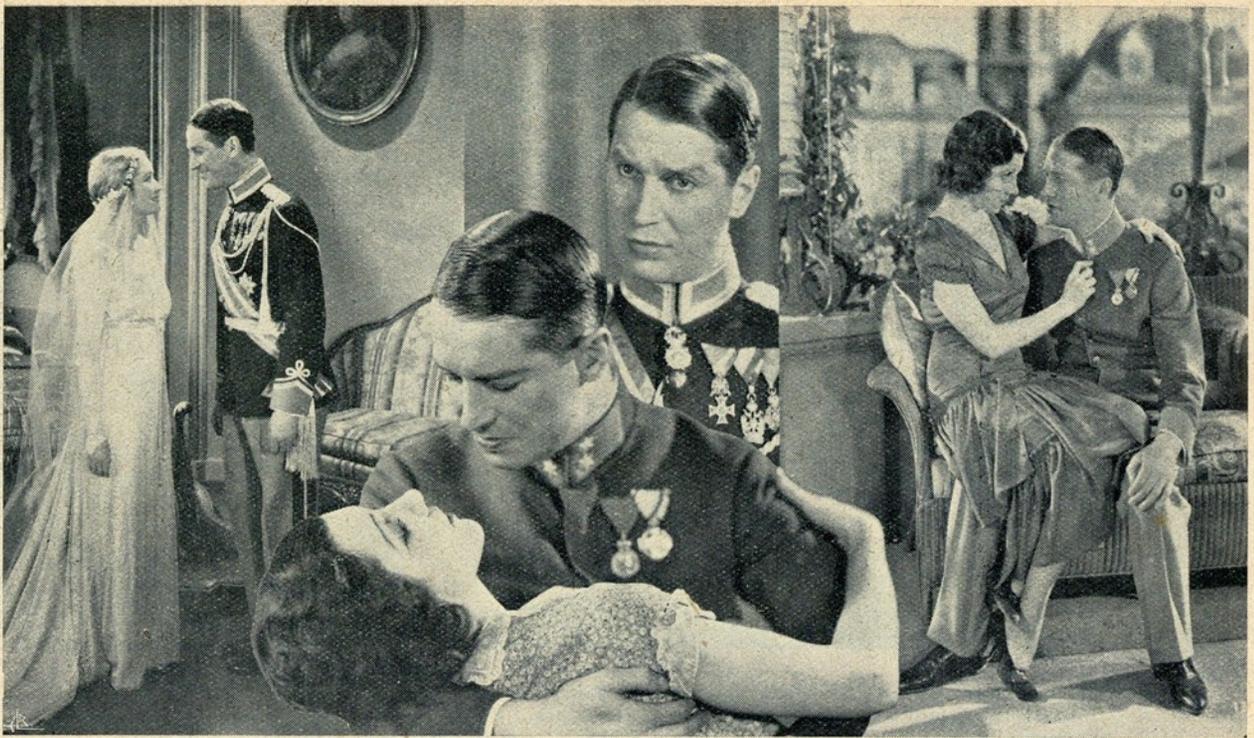
■ ■ ■

Os cinemas portugueses, por sobre todas as dificuldades com que se debatem, teem um encargo permanente que os onera extremamente, e que pôde vir a fazer com que o seu dorso aparentemente forte, arrieie ao peso exagerado da carga...

Trata-se do imposto que o Estado cobra diariamente de todos os cinemas, imposto fixo que é nada menos do que 7% sobre 2/3 da lotação.

Ninguém ignora que a crise económica que se atravessa tem o seu reflexo directo sobre a exploração cinematográfica, que de dia para dia se apresenta mais enfraquecida em todo o país. Além disso, a nova modalidade sonora, por quaisquer razões que não me cumpre, agora, apreciar, está longe de merecer do público o interesse que manifestava pelo cinema silencioso, e daí um afastamento natural, a colocar mais critica a situação dos nossos cinemas, que, na melhor das hipóteses, não teem média de receitas superior a metade da lotação.

Urge, pois, que o Estado tome conhecimento da situação real dos cinemas portugueses, para que seja reduzido tal imposto, de harmonia com as magras possibilidades de tal situação.



## “O Tenente Sedutor”

Qual é a rapariga que não gosta de um garboso militar, jovem, elegante, alegre e simpático? Nenhum, pode afoitamente dizer-se. Ora, o tenente Niki, do Exército Austriaco, tinha todas estas belas qualidades e mais uma, não menos importante. Quando se apaixonava não era volúvel, amava a valer.

Numa bela manhã de sol, Niki, ao despertar, sentiu o coração palpar mais aceleradamente do que de costume. Que irla suceder?... — pensou. Mas, ao ouvir o gorgelo dos rouxinóis num ninho feito num galho de uma velha nogueira que dava ainda magníficas nozes, tratou de vestir-se o mais rapidamente que pôde para ir dar cumprimento aos seus deveres militares.

Ao abrir a porta, franziu o sobrolho. No chão estava uma conta do alfaiate, que devia desde tempos remotos e que não conseguira ainda liquidar. Fixou os olhos na factura e com surpresa leu estas palavras significativas:

“Quem não paga ao alfaiate no estio  
“No inverno regela-se de frio.”

**C** Em vez de se zangar, Niki riu a bom  
**I** rir com a advertência do poético alfaiate,  
e ainda sorria quando deparou com o seu  
amigo Max, que lhe disse:

— Niki, esta vida é um tormento e tu  
tens de me ajudar...

— Quanto queres, amigo Max?

— Não se trata agora de dinheiro, —  
replicou o outro —. Preciso do teu auxílio  
para resolver um problema delicado.

**M** Como sabes, sou casado...

— Isso é fácil. Pedes o divórcio...  
— Também não é isso! Não me julgues mal! Eu gosto de minha esposa. Ela é bonita, distinta...

**A** — Basta. Estou a perceber e acho

**4**

### PRINCIPAIS INTERPRETES

Maurice Chevalier....	Niki
Claudette Colbert.....	Franzi
Miriam Hopkins.....	A Princesa Ana
Charles Ruggles.....	Max
Georges Barbier.....	O Rei Adolf XV
Hugh O'Connell.....	O Ajudante

Produção da «Paramount»  
Música de Oscar Strauss

preferível irmos directos ao fim. A-pesar de todas as qualidades que reconhecês em tua mulher, estás neste momento apaixonado por outra e não sabes o que has-de fazer...

— Sim, Niki; é isso mesmo... ela é um encanto! Que belo corpo!... E que dedos!... Toca violino e rege uma orquestra de raparigas... mas eu sou casado e tu, Niki, vais ajudar-me...

— Tens receio de que alguém te veja só com ela?

— E' isso mesmo. Adivinhaste!  
— E julgas que estou disposto a servir de pau de cabeleira?

— Não, Niki, pretendo apenas que depois da ceia nos deixes a sós! Tu gostas mais da música do que eu. Vamos para o Restaurante ao Ar Livre onde ela dirige a orquestra com mão firme e violino afinado!... A *matinée* principia cedo...

— Não digas mais, meu velho, já percebi.

\* \* \*

Os dois amigos não deixam de ir ao Restaurante ao Ar Livre.

— Lá está ela, — exclama Max sentando-se à mesa e pedindo ao criado dois *seidels* de cerveja.

— Parece-se com tua mulher, — observa Niki.

— O quê?... Sofres da vista, com certeza.

— E' o que te digo. Parece-se com tua mulher quando era jovem.

E ante a Incredulidade do Amigo:

— Acredita. Se tua mulher não tivesse engordado excessivamente, seria o vivo retrato desta violinista.

Ouvindo boa música e tomando *seidels* de magnífica cerveja, os dois amigos iam passando o tempo. Não tardou, porem, que a formosa violinista reparasse na atenção com que o elegante tenente a fixava, e, querendo retribuir o interesse que elle lhe dispensava, começou a dirigir-lhe os mais sedutores sorrisos. Niki compreendeu que estava a caminho de conquistar mais um coração e, ante a beleza esplendorosa da jovem, esqueceu o amigo e entregou-se inteiramente à felicidade que lhe proporcionava a sua vitória sentimental.

Terminada a *matinée*, quando a violinista descia do corêto, Max dirigiu-se-lhe, exclamando:

— Formosa Franzi, permita que lhe diga que está radiantemente bela!

— Mas eu não o conheço, senhor, — repl'cou a rapariga.

Neste momento, Niki interveio:

— Terá a gentileza de me dizer o nome da valsa que tocou?

Franzi sorriu e não só citou o nome da valsa como respondeu a todas as perguntas de Niki, o qual tratou de apressar o passo para perder inteiramente Max de vista.

E foi acompanhado pela gentil violinista que Niki chegou à porta de sua casa.

Franzi quis despedir-se, mas o tenente não consentiu.

— Entre, peço-lhe. Eu sei tocar piano. Entre e tocamos um dueto... Sou doido por duetos de amor!

Franzi entrou e, terminado o dueto, despediu-se.

— Quando poderei voltar a vê-la? — inquiriu Niki carinhosamente.

Franzi sorriu.

— Convide-me para jantar amanhã. Terá assim a desejada ocasião de me ver.

— Ora, não me faça esperar vinte e quatro horas. *Estou com fome...*

— Nesse caso poderemos tomar chá amanhã à tarde!

— Melhor seria tomarmos café de manhã cedo, — sugeriu Niki.

— Não, primeiro o chá, depois o jantar, e depois... sim, talvez o café pela manhã! O concerto nocturno termina à meia noite. Adeus.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Franzi e Niki tomavam café, e ele cantarolava alegremente:

*Um bom café matinal  
Torna a vida mais jovial...*

De repente, porem, lembrou-se de que tinha de estar no quartel para apresentar armas ao rei Adolf XV e a sua filha, a princesa Ana, que chegavam nesse dia de Flausenthurm. Despediu-se de Franzi e correu para o quartel.

O comboio em que viajava o Rei Adolf já atravessava a ponte em direcção à estação quando o Ajudante de Ordens entregou ao monarca um telegrama do Imperador. O Rei mordeu os

beiços ao lê-lo e depois deu conhecimento do seu conteúdo à Princesa:

«Sua Majestade Adolf XV,  
Rei de Flausenthurm:

Querido e ilustre primo: No momento em que pisas o solo austríaco, mando-te as minhas cordiais saudações extensivas a Sua Alteza a Princesa Ana. Inauguração exposição anual de gado impede-me receber-vos pessoalmente,».

— Isto é incrível — exclamou o Rei! — Olha para este envelope! Esta gente nem sabe soletrar F-l-a-u-s-e-n-t-h-u-r-m!

— Meu real pal, — redarguiu a Princesa —, é porque o seu Reino é pequeno, mas o nome é grande.

— O Imperador dá mais importância à Exposição Anual de Gado do que a um Rei! Que primo! Nem sequer vem receber-nos à estação.

— Que parentela! — exclamou a Princesa.

— E quem é esse Imperador? Há mil anos atrás, o meu reino era maior do que o dele.

— Estes *novos-ricos!*... — observa a Princesa.

— Mas olha, minha filha, o resto do telegrama é um pouco mais amável: «Mas o meu palácio está à tua inteira disposição.».

Neste momento o comboio chegava à estação e tanto o Rei como a Princesa apearam-se e entraram no coche imperial que os esperava e que se pôs imediatamente a caminho do Palácio do Imperador.

Em frente ao quartel, os soldados comandados por Niki formavam alas e a formosa Franzi colocou-se defronte do seu adorado Tenente, no outro lado da

rua, para vêr passar o cortejo. Quando o coche imperial passou com o Rei e a Princesa, Niki piscou o olho esquerdo olhando para Franzi, mas a Princesa Ana julgou que a piscadela fôsse para ela.

Ao chegar ao Palácio Imperial, o Rei, informado do que se passára, pediu pelo telefone, satisfações ao Imperador, e o Tenente Niki foi prêso para sêr julgado em Conselho de Guerra.

Está claro que os jornais exploraram o caso dando-lhe um ar de escândalo e num deles lia-se a seguinte notícia sensacional:

#### «UM CRIME DE LESA MAJESTADE

Ao passar pelo quartel do Regimento de Artilharia, o Tenente Niki Von Preyn piscou o olho à Princesa Ana e o Rei Adolf pediu satisfações ao Imperador.».

No palácio, acalmados os ânimos, o Emissário do Imperador disse ao Rei Adolf:

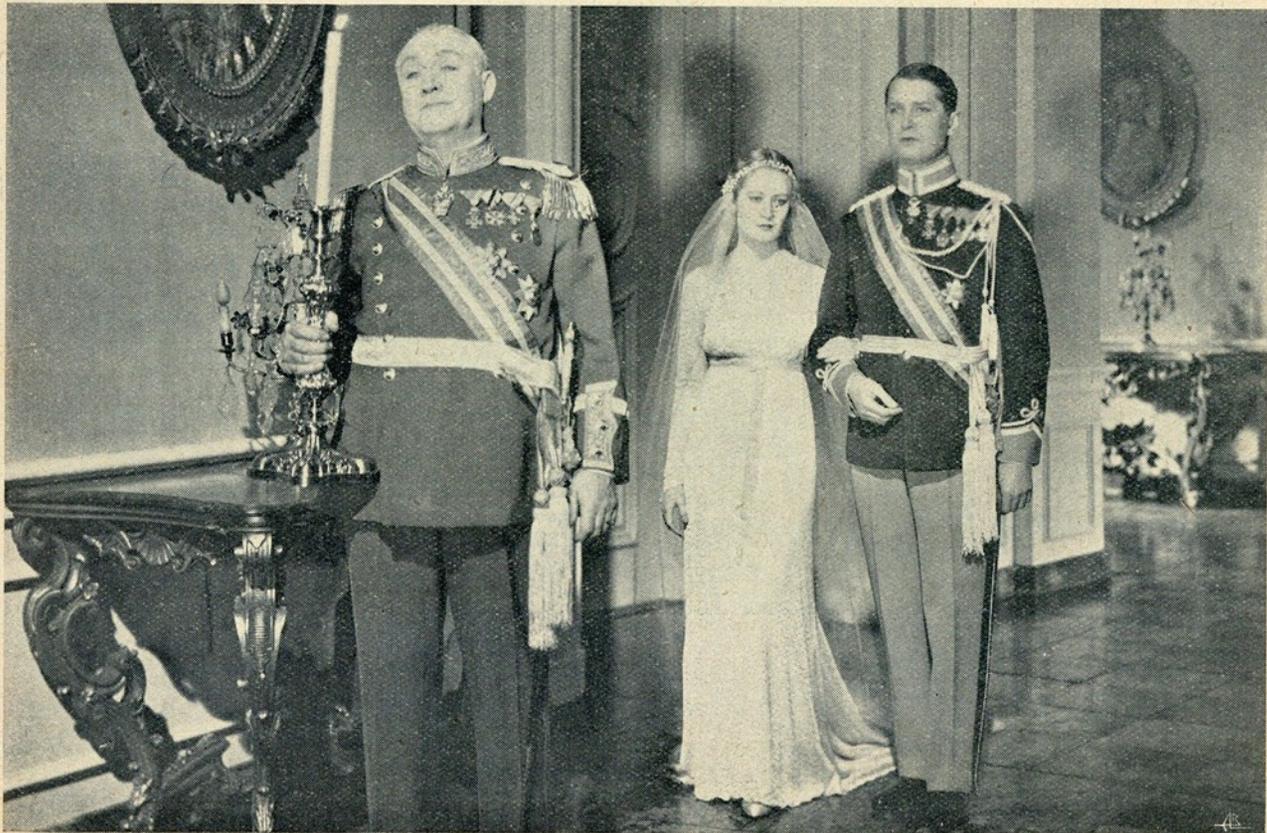
— Majestade, o Tenente vai sêr julgado em Conselho de Guerra!

— Não! Eu não tenho confiança nos vossos tribunais, — replicou o Rei —. Que se pôde esperar de um país que dá mais importância a uma Exposição de Gado Bovino do que a um Rei? Minha filha está a sêr escarnecida pelos jornais!

— Foi uma grande humilhação, asseverou a Princesa Ana. Eu não tolero isto! Uma Princesa também tem sentimentos de mulher!

— Sim, — bradou o Rei —, e esse Tenente tem de se explicar comigo cara a cara!

A exigência do Rei foi satisfeita e um quarto de hora depois Niki foi levado à presença de Sua Majestade Adolf XV,



Rei de Flausenthurm, e de Sua Alteza, a Princesa Ana.

— Como soletra você F-l-a-u-s-e-n-t-h-u-r-m? — perguntou o Rei ao Tenente Niki.

— Com um «H» entre o «T» e o «U», — respondeu Niki num insinuante tom de voz que agradou muito ao Rei e *mu-tíssimo* à Princesa.

— Como êle deve soletrar bem a palavra a-m-o-r, — murmurou em voz baixa uma das aias da Princesa.

— Mas... que me diz você a isto?... — perguntou o Rei a Niki, mostrando-lhe um jornal em que se lia a notícia de que êle seria julgado em Conselho de Guerra.

— Ora, vós sots mais bonito do que pareceis no retrato publicado neste jornal, — contestou risonhamente o jovial Niki, aplanando o caminho para agradar ao Rei.

— Gosta mais dêste?... — inquiriu o Rei, dando a Niki uma cédula de 500 corôas, na qual estava impresso um dos seus retratos.

— Muito mais! Que bonito retrato! Isto vale ouro, — afirmou Niki, metendo a cédula no bolso.

— Mas esta conferência não é para comparar retratos!... — exclamou indignada a Princesa.

— Tenente, — bradou o Rei —, sabe qual é a penalidade por piscar o olho a uma Princesa? Por que foi tam imprudente? Diga a verdade.

— Eu estava apresentando armas, — redarguiu Niki, — quando sem querer, olhei para uma formosa rapariga...

— Como se atreve a chamar rapariga a Sua Alteza Real? — perguntou o Rei.

— Quando eu vi a Princesa, — prosseguiu Niki —, fiquei encantado... esqueci-me e...

— Piscou o olho, — bradou o Rei.

— E agora, formosa Princesa, — disse Niki, — agora que já sabeis o meu crime, ponho o meu destino em vossas lindas mãozinhas.

— E' um prazer para mim, — declarou a Princesa —, ter em minhas mãos o destino de um tam garboso militar. Antes de você chegar, falei pelo telefone com o Imperador, meu tio, e êle nomeou-o Ajudante de Ordens de meu real pai.

— Tanta honra confunde-me, — murmurou modestamente Niki.

— Espero que nos mostre toda a cidade, — solicitou a Princesa.

— A cidade de Viena é fascinante, — afirmou Niki —. Se Vossa Alteza se dignar olhar pela janela, poderá vêr a Catedral de Santo Estefânio, a cúpula de São Paulo e mais adiante o Convento dos Capuchinhos...

— Esses edifícios velhos não me inte-

ressam, — declarou a Princesa fitando o Tenente —, eu só gosto de coisas novas e atraentes... Qual foi a sua impressão quando me viu aqui... no palácio?

— A minha impressão foi a de estar na presença da Princesa mais bela do mundo!

— Ah, — exclamou Ana —, que pena

tríaca... lembre-se disso... e agora pôde retirar-se... Adeus.

Niki saiu do palácio mais que deprimido, mas aquela última frase da Princesa não lhe saía dos ouvidos. Tencionava ela puni-lo casando com êle? Isso seria uma sentença horrível, porque o seu coração pertencia a Franzl. E foi com estes tristes

pensamentos que êle entrou em casa.

— Eles não podem prender-te, — asseverou Franzl ao vê-lo —, tu não piscaste o olho à Princesa Ana.

— Poderia desculpar-me, — retorquiu Niki —, dizendo que pisquei o olho para ti, mas não quero envolver o teu nome neste assunto. Não chores, Franzl, tudo ha-de acabar bem.

— Oh, meu Niki, ninguém poderá separar-nos! O nosso amor ha-de vencer todos os obstáculos.

E Niki, para alegrar Franzl, pôs-se a cantar:

*Tenho oito horas por dia  
Para servir de guia  
E outras doze para dormir  
Amar, beijar e sorrir...  
E nas quatro horas que me  
restam*

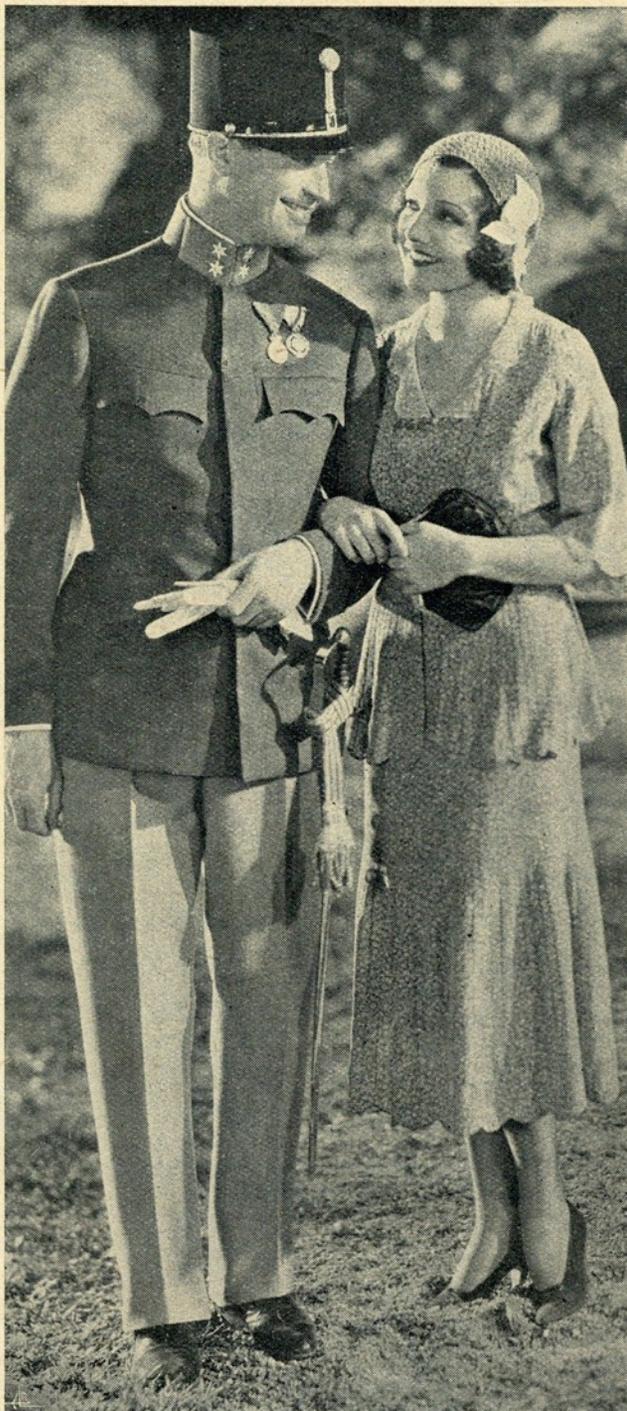
*Farei tudo que me peçam...  
Porque rufo bem um tambor  
Na presença do meu amor!*

Mas neste momento alguém bateu à porta. Era o Coronel Rickoff, do Estado Maior do Rei Adolf, que disse a Niki:

— Venho tratar confidencialmente de um assunto. O Rei Adolf e a Princesa Ana querem falar-lhe, mas você não pôde falar com a Princesa sem falar com o Rei. Percebeu? Queira apresentar-se ao Rei Adolf imediatamente. Adeus.

Niki beijou Franzl e foi para o Palácio Imperial. Pela primeira vez na sua vida, o Tenente que tinha o dom de atrair e o poder de agradar, viu-se em face de um problema amoroso difícil de resolver. Como se salvou êle? Muito simplesmente. Salvou-o o coração, salvaram-no os encantos de Ana, que pouco a pouco foram desabrochando ao calor do Amor.

Forçado a casar com ela contra vontade, pelo estúpido motivo de ter piscado um olho, Niki ficou a princípio desesperado, porque todo o seu carinho pertencia a Franzl. Mas com o decorrer do tempo e graças aos esforços empregados por Ana para o conquistar, a bela violinista foi ficando esquecida, até que um dia chegou em que o belo Tenente, o sedutor oficial se entregou inteiramente à felicidade que lhe proporcionavam os ternos carinhos da sua juvenil e apaixonada esposa, que sendo a princípio o motivo de riso para toda a côrte era



ser eu tam... inexperiente! Aprendi o que sei na Enciclopédia Real. Explique-me! Por que foi que você piscou um dos olhos?

— Quando gosto de alguém e quero demonstrá-lo, piscos!

— Basta! Napoleão era um Tenente quando se casou com uma Princesa Aus-

agora o alvo para onde convergiam os olhares deslumbrados de todos os cortezãos.

## Correspondência

17 JUNHOS EM FLOR: — O que tem que fazer para encadernar o romance que ia com a revista, juntamente com o que agora é fornecido à parte? Acho que é melhor perguntar a um encadernador, que eu, disso, com franqueza, pouco percebo.

Não se esqueça, então, de me avisar nas vésperas dos seus anos. Quanto ao Director, continua muito impressionado com a Sylviazinha. Também anda contentíssimo com a Lillian. Já viu em Lisboa «Dois Corações a Compasso», e não fala noutra coisa. Eu, zangar-me consigo por me escrever muitas vezes? Zango-me mas é se você não me escrever. Só lhe peço uma coisa: não torne a chamar-me simpático!...

MARIO PEREIRA: — Lillian Harvey, Berlin-Wilmersdorf, Dusseldorfstrasse, 27, Alemanha. Pode também escrever ao cuidado da «Ufa», Berlin S. W. 68 Kochstrasse 68. O título original de «O Congresso que Dança» é «Der Kongress Tanz».

EU SEI TUDO, OU TALVEZ NÃO: — Sim senhor, há na Administração todos os numeros que pe le, tanto do «Cinema», como da «Aquila». Juntamente com a encomenda que fizer, não se esqueça de enviar 1\$00 por cada n.º de «Cinema» e \$70 por cada um da «Aquila». E na carta que escrever para a Administração, não faça quaisquer perguntas para esta secção. E agora, as direcções de 5 artistas? Não pode ser. Cada direcção corresponde a uma pergunta, e não posso responder a mais de 3 perguntas. Por esta vez, aí vai: Clara Bow, 1483 Gower Street, Hollywood, Cal. Dita Parlo, «Peerless Productions, Inc.» 630 Ninth Avenue, New-York City. Greta Garbo, «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, California. A Maria Alba está em Papeete, Tahiti, com o Douglas Fairbanks, e o Artur Duarte, que me saiu um ingratoção, não me escreve há uma porção de tempo, e não sei se ainda mora lá para Berlin-Charlottenburg.

J-12: — Aprecei as suas impressões sobre a Marlene e a Greta, e só me resta dar o meu «Okay». De facto, também tenho gostado mais dos fonofilmes da Marlene do que dos da Greta, a despeito de ambas serem grandes actrizes. A direcção particular da Marlene? Isso também eu queria! Das actrizes americanas, só veem as direcções dos estúdios onde trabalham. Escreva à nossa Marlene, para «Paramount Studios», 5541 Marathon St., Hollywood, California. O A. A. P. não vende os postais «Ross» avulso, só por junto. Queira procurar nas boas papelarias. Quanto a Sylvia Sidney, diz ele que lá para o fim do mês devem chegar novos postais, entre os quais a Sylviazinha. Se calhar foi edição especial que ele mandou fazer...

JE T'AIME, ANITA PAGE: — Sigo o seu conselho: fico com as pernas da Marlene e dou-lhe as da Anita! Não posso escrever nada no seu album da Anita Page. Não se zange, mas eu fiz uma jura

de não dar autógrafos a ninguém. Os meus autógrafos... são todos dactilografados! Muito obrigado pelos seus desejos de Boas-Festas. Vieram um bocadinho tarde e desacompanhados... Que pouca sorte eu tenho! A sua última pergunta é que me deixou mesmo *knock-out* de todo. Se eu gosto do Brasil? Se gosto muito, mais do que Portugal? Eu nunca lá estive, meu caro, e o que do Brasil conheço não me habilita a responder-lhe. Em caso algum, porém, poderia gostar mais do Brasil do que da terra que me serviu de berço (bonita, esta frase, não? !)

Más a que propósito veem essas suas perguntas?

LECAS: — Henry Garat, 66, rue Nollet, Paris (XVII<sup>me</sup>). Não se atija se não receber a resposta muito muito rápida,

### O novo filme de Marlene Dietrich chama-se «Deep Night»

A «Paramount», de Nova-York, acaba de anunciar que «Deep Night» é o título da fita que Marlene Dietrich está interpretando em Hollywood sob a realização de Josef von Sternberg. Ao mesmo tempo, a «Paramount» anuncia os títulos de outras películas em preparação: «The Strange Case of Clara Deane», com Wynne Gibson, Pat O'Brien e Frances Dee, «Sinners in the Sun» («Pecadores ao Sol»), com Carole Lombard e Chester Morris, «The World and the Flesh» («O Mundo e a Carne»), com George Bancroft e Mirrian Hopkins, «This is the Night» («Esta é a Noite») com Lily Damita e Charlie Ruggles, «Merry We go to Hell» («Vamos felizes para o Inferno»), com Sylvia Sidney e Frederic March, e «Come on, Marines» («Vinde, Marinheiros») com Chester Morris, Frances Dee e Richard Arlen.

porque o Garatzinho está sempre com um pé em Paris e outro em Berlim. Queira mandar as 4 senhas de brinde e os 1\$50 para a Administração, e receberá o livro de brinde. Mas não esqueça que na carta para a Administração não deve fazer nenhuma pergunta para esta secção.

O FAUTEILL 47: — Marie Glory, 37, rue Pergolèse, Paris (XVI<sup>me</sup>). Em filmes falados, apenas a vi em «O Senhor Director», e vêmo-la actualmente em «A Amorosa Aventura».

ANGELO DOS SANTOS FERREIRA: — Virginia Valli é americana e casada com Charles Farrell. Ela tem estado *free-lancing*, de maneira que, na ocasião em que lhe escrevo, não tenho nenhuma direcção dela. Volte a perguntar daqui por algum tempo. O título original de «A Ilha dos Navios perdidos» é «The Isle of Lost Ships».

O REI DA BANDA: — 1.<sup>a</sup> — Os principais filmes de Sally Blane (nenhum deles ainda exibido em Portugal) são: «Little Accidente», «Once a Sinner», «Ten

Centes a Dance», «Women Men Marry», «Annabel's Affairs», «Star Witness», «Shangai Love», «Spirit of Notre Dame», «A Dangerous Affair», «Good Sport» e «X Marks the Spot». 2.<sup>a</sup> — Annabella, 19, rue de Chanzy, La Varenne-Saint-Hilaire (Seine), France. Obrigadinho pelos cumprimentos.

PRIMA DO SONOROFILISSIMO: — Suponhamos que Você fala verdade, e que a «Prima» e a sua Irmã são duas pessoas distintas... «O Tenente Sedutor» deve ser estreado no «Trindade» a 19 de Abril. Então Você acha exquisto que o Sonorofilissimo só se interesse por homens? Deixe-o lá! Questões de gosto!... O Al Jolson, depois de «O Meu Camarada» fez «Mammy» e «Big Boy», que não chegaram a ser exibidas entre nós. Parece-me que está sob contrato com Samuel Goldwyn, para quem fará uma película esta temporada. Queira mandar os 1\$50, que eu entrego-os ao A. A. P., a ver se éle lhe manda o postal que Você deseja do Henry Garat. Não esqueça, porém, que para futuro, só nas papelarias. Ele só vende por junto. Está enganada na suposição que faz. Quanto às fitas «Inspiração» e «Sevilla dos meus Amores», queira ler a secção «Pelos nossos Cinemas». Eu não posso emitir aqui quaisquer opiniões. O retrato que me mandou da Constance Bennett, a-pesar-de já ser antigo, mostra-a loura, como, de facto ela é. A reprodução é que é muito má, de modo que os cabelos parecem escuros.

Adeus, priminha! Cumprimentos à mana e ao primo! Até quando?

17 JUNHOS EM FLOR: — Este leitor, em resposta a «Louco por Jean Harlow», diz que os «17 Junhos» ainda não estão completados. Pois olhe que está crescendo, para a idade!

SIR FANTASM! — Não, não e não! Você faz primeiro 3 perguntas, assim como quem não quer a coisa... Depois faz outras três a fingir que são só essas, precedendo-as dos numerals 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>. Ora não pode ser, e só respondo a estas últimas: 1.<sup>a</sup> — Ginette d'Yd é, de facto, uma das intérpretes de «Partir», e pode escrever-lhe para 78, Boulevard Saint-Michel, Paris (VI<sup>me</sup>). 2.<sup>a</sup> — Filmes com pior realização do que o que indica, tenho visto muitos, por mal dos meus pecados. 3.<sup>a</sup> — Não publicamos fotos de Douglas Fairbanks, porque ainda não calhou. Obrigado pelos seus votos de felicidade. Mas só 3 perguntas de cada vez, sim? E... *Sempre amigos!*

HEI-DE SABER TUDO: — Se acho a Sylvinha Sidney simpática? Isso é lá coisa que se pergunte! Simpatiquíssima! Não conheço a revista «Renovação». Queira, no entanto, escrever para a Livraria Tavares Martins, rua dos Clérigos, Porto, que lá o informarão. Quanto a «O Globo», se se refere ao jornal que eu julgo (do aspecto e pretensões de ideas semelhantes às do francês «Monde») já acabou há muito tempo. Só saíram, se não estou em êrro, 5 ou 6 numeros. Quanto a concursos, por enquanto é cedo.

E. M. G. H.: — Lillian Harvey, Berlin-Wilmersdorf, Dusseldorfstrasse, 27, Alemanha. Depois, ó E. M. G. H. diga cá para o E. S. T. se recebeu a resposta da L. H.

EU SEI TUDO.

## Fisionomias, personalidades e caracteres dos galãs cinematográficos

Grupo privilegiado na cinematografia mundial, dos galãs. Milhões de admiradoras seguem com paixão todos os seus gestos e conhecem o menor detalhe da sua vida privada... Quasi que se podia dizer que algumas destas admiradoras conhecem melhor que eles próprios a vida dos seus artistas preferidos!...

Os seus nomes são estampados nos cartazes em grandes letras; as suas fotografias são publicadas em todas as revistas e magazines, — e milhares delas são enviadas com uma dedicatória amável, — felicidade suprema! —, às meninas cinéfilas do orbe terráqueo...

Qualquer que seja a sua nacionalidade, os galãs cinematográficos apresentam muitos caracteres comuns, — todos personificam a beleza masculina, a juventude de um país —, mas também oferecem aspectos inerentes à sua raça.

O lugar mais importante pertence aos «leading men» da livre América. E' em Hollywood, com efeito, que se dá uma importante extensão à «cultura» dos galãs... Não nos admiremos, pois, de que às vezes seja efêmera a sua glória e fragil a sua reputação...

Nos tempos heroicos do cinema, o galã estava muito apagado pelos grandes papéis dos «cow-boys», — que conquistavam um coração por um salto perigoso nos seus cavalos indomáveis.

Aos «boys» trepidantes, de sangue a ferver de impaciência, deviam suceder bem de pressa os rapazes um pouco tímidos, crianças um pouco grandes, — talentosamente representados pelo inolvidável Charles Ray.

Depois vieram os Don Juans cativantes e sedutores, cujos olhos fascinavam e impressionavam dum modo estranho. Foi a época de Rudolph Valentino, o semi-deus adorado por uma multidão quasi fanática... Ao lado de Valentino vimos aparecer António Moreno, de uma beleza nitidamente latina, sentimental e distinto; Ricardo Cortez, uma máscara curiosa...

Um outro artista que se revelou nesta ocasião foi Ramon Novarro... O talento do artista mexicano é muito complexo: possui certas qualidades nitidamente latinas e uma juventude muito anglo-saxã...

## Dentro e Fora dos Estúdios

Na segunda-feira passada, 11 do corrente, estreou-se na «Mozart-Saal», de Berlim, o filme «Shanghai Express», com Marlene Dietrich, Clive Brook e Anna May Wong.

Reinhold Schuenzel, o realizador de «A Princesa Encantadora», vai dirigir para a «Ufa» um película com o título «Brautfahrt». Será, também, uma produção Guenther Staphenhorst.

Os soviets estão produzindo um película com o título «A Oeste muito de novo». Este filme, que está a fazer-se em Kiew, trata da próxima grande guerra, segundo eles imminente.

A casa francesa «Orphéa-Films», que já produziu «Rato d'Hotel», vai fazer o filme «Pax», de Georges de La Fouchardière, sob a realização de F. A. Elias e com Gina Manès, Georges Charlia e Moussia como principais intérpretes.

Lydell Peck foi nomeado ajudante de Al Rockett, nos estúdios da «Fox». Conseguiu assim estar sempre perto da sua mulherzinha, a encantadora Janet Gaynor.

O produtor americano Samuel Goldwyn regressou a Hollywood em fins de Março, com os seus planos assentes para as suas próximas produções, a começar em 1 de Maio, as quais são as seguintes: «The Kid from Spain», com Eddie Cantor; «Irmãos Karamazov», com Ronald Colman; «Ballyhoo», com Eddie Cantor e «Cynara», com Colman.

Como consequência da viagem de Jack Warner a No-

O período seguinte é mais difícil de analisar: os géneros misturam-se, confundem-se... As figuras mais representativas foram Ronald Colman, John Gilbert e William Boyd...

O grupo actual dos galãs constitui um curioso «cocktail» de qualidades e sentimentos... Alguns nomes: — James Hall, Charles Farrell, Gary Cooper, George O'Brien, Richard Arlen, Charles Rogers, Richard Barthelmess... Que devemos dizer deles?... Que são bons rapazes, desportivos, audaciosos, simpáticos...

Os galãs alemães são indubitavelmente os mais influenciados pelo modo de ser nacional. Nos filmes alemães, de ritmo tam particular e de técnica etnológica tam perfeita, os galãs traduzem com facilidade as qualidades e os defeitos da sua raça, misturam o sentimentalismo com a «gaucherie», os assuntos amorosos são de uma simplicidade espantosa ou de um peso desmedido; o seu jogo é lento, os seus gestos são estudados e indolentes.

Um facto que não se encontra senão raramente nas produções estrangeiras; o galã alemão é colocado muitas vezes em situações muito embaraçosas e por vezes ridículas. E' menos um personagem de folhetim que um verdadeiro personagem da vida, — uma «marionete» humana sujeita a exhibições e a êrros.

Sádios, desportivos, materiais, mas também prodigiosamente sedutores, tais são Gustav Fröhlich, Willy Fritsch, Hans Stüwe, Hans Branseweldes, Gustav Diessi, Franz Lederer...

Estes homens fortes, com uma aparência pesada e franca, traduzem com fidelidade um estado de espirito geral: são mais «intelectuais», se assim se pode dizer...

Ha mais alguma dificuldade em falar dos galãs franceses. A razão principal é que não são muito numerosos e não teem tido ocasião de aparecer no «écran» senão num reduzido número de produções. Jean Angelo e Jean Murat teem um grande sucesso feminino. Lembra-se de «A loucura de Monte Carlo»?

O galã francês possui «charme», uma mocidade um pouco «gâuche» e são sentimentais e românticos.

Pierre Batcheff pertence a esta categoria. André Roanne é mais desportivo e enérgico. George Charlia possui uma sensível personalidade. Jacque-Catelain é um galã de beleza delicada e de jogo fino e estuado.

Albert Préjean, que talvez seja mais fantasista que galã, merece uma menção especial pelo seu género particularmente feliz.

E não queremos acabar esta breve resenha, — não quisemos fazer um «catálogo» de galãs mais ou menos belos... —, sem escrever o nome de Henry Garat...

A camarada Fernanda não simpatiza com êle?... Pois simpatiza imenso a

MARIA EDUARDA.



Galãs de todos os tipos, para todos os paladares. De cima para baixo: Maurice Chevalier, Charles Farrell, Igo Sym, Gustav Froelich, Gary Cooper, Willy Fritsch e Charles Rogers. (Reprodução de postais «Ross» — Luxus).

Quatro galãs, se não dos mais populares, pelo menos dos mais simpáticos: James Hall, Werner Fuetterer, Ivan Petrovitch e Hans Stüwe. (Reprodução de postais «Ross» — Luxus).

Antonio Moreno, que ha pouco terminou no México a fita «Santa», vai dirigir para a mesma empresa mexicana produtora daquela película, uma outra produção com o título «Águias antes do Sol». Para essa fita mexicana foi contratado o actor americano George Lewis.

O conhecido produtor Mack Sennett acaba de se naturalizar cidadão americano. Sennett nasceu no Canadá e o seu verdadeiro nome é Michael Sinnott.

A «Universal» está negociando com o representante de Alice White a assinatura dum contrato pelo qual aquela actriz interpretaria três fitas num ano.

No dia 31 de Março Gary Cooper chegou a Hollywood, de regresso da sua viagem à Europa e Norte d'África. Já está começando a sua nova fita, ao lado de Tallulah Bankhead, para a «Paramount», cujo título ainda não está fixado.

Logo que saia do «Rivoli», de Nova York, a fita «Uma Hora Contigo», com Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald, aquele cinema estreará «O Congresso que Dança».

Dolores Del Rio e John Barrymore vão ser os protagonistas duma produção especial da «RKO».

# As rivalidades de Hollywood

Por muito optimistas que sejamos, temos de confessar que a industria cinematográfica atravessa um período difficil. Naturalmente isto é devido à crise que presentemente assoberba o mundo inteiro; mas é tamanha a preponderância da Sétima Arte, que a inquietude actual lhe imprime um sabor especial e único.

Os grandes produtores tratam de fazer flutuar de novo o barco que meteu água por vários pontos. E para injectar bríos às suas produções e acender de novo a lâmpada dos entusiasmos no coração dos fanáticos, tiveram a intenção de colocar na distribuição das suas películas vários nomes famosos de «estrelas» que anteriormente só consentiam em apparecer em primeiros papéis, sem que outro nome de importância ofuscasse o seu absoluto prestigio.

Mas esta medida salvadora encontrou resistência inquebrantável nos actores e actrizes da peregrina Hollywood...

Duas grandes estrelas podem chegar a trabalhar juntas, — mesmo que cada uma ressinta a importância da outra —, quando pertencem a sexos diferentes. Quando o jovem galã, o herói, é famoso e a actriz que encarna o papel de heroína tambem o é, ainda as coisas podem andar por bom caminho; mas quando ha luminaras da mesma preponderancia cénica e nome popular num filme, é quasi absolutamente certo a direcção do estúdio expôr-se a um rotundo fracasso.

Por quê? A razão é bem simples...

Greta Garbo, por exemplo, chegou ao pináculo da glória no cinema; tambem succede o mesmo com Joan Crawford... E certo que ambas teem absoluta e diametralmente oposta personalidade, — que os seus tipos são tam diversos e as suas reacções espirituais tam contrárias que poderiam trabalhar na mesma película independentemente sem que uma roubasse a glória à outra. Mas vem o anúncio, a propaganda que a casa produtora tem de fazer a cada uma delas e sobretudo o título do filme... Se se disser «Greta Garbo e Norma Shearer no filme X», Norma protestará por ser colocada em último lugar... Se se disser «Norma Shearer e Greta Garbo no filme X», estão será a vez de Greta Garbo protestar...

Mas, como acontece agora que a artista sueca apparece no filme «Mata-Hari» com Ramon Novarro, a «M-G-M» anuncia — Greta Garbo e Ramon Novarro em «Mata-Hari» — e não ha discussões... Em primeiro lugar

porque Ramon, por galanteria, e mesmo que isso pese ao seu prestigio conquistado de artista, não faria questão com uma senhora, — as senhoras sempre em primeiro lugar... —, e além disso porque, na realidade, Greta Garbo interpretará o papel que dá o título à película, o que a coloca muito vantajosamente.

Os produtores de películas não podem, pois, levar a cabo a idéa de fazer filmes em cujas distribuições estão integrados elementos famosos, em vez de ter uma figura principal e depois um comparsa pouco menos que mediocre.

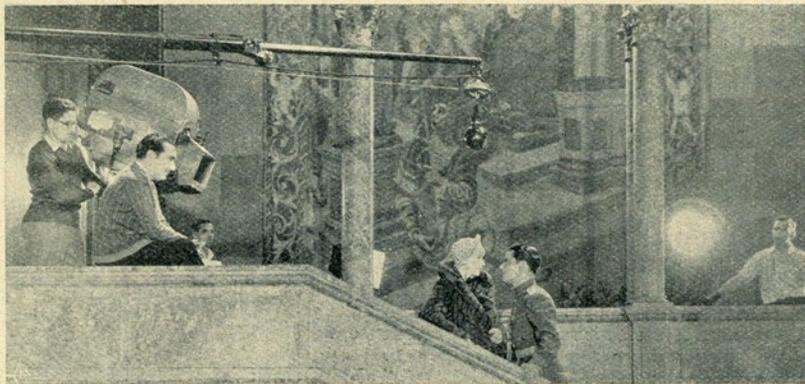
O público aplaudiria e gostaria de um filme no qual todos os papéis estivessem a cargo de artistas de-veras capacitados para desempenhar a sua missão; no coração de cada espectador não floresceria certamente o desdém pelos seus favoritos se em certo filme os vissem em papéis mais secundários; mas os artistas é que nunca podiam aceitar tal situação. O prestigio artistico tomou nêles um carácter mais alarmante que a crise universal...

Hollywood pôde vangloriar-se de ter os mais simpáticos grupos de intimos amigos, capazes dos maiores

sacrificios; mas quando chega o instante de captar a atenção popular e apparecer nas frontarias dos cinemas, nos títulos dos jornais e dos programas, — então, a amizade é afastada pelo sentimento opocêntrico de cada um...

Falamos na amizade... Mas tambem podiamos falar nos laços do parentesco... Saber-se-á, por acaso, que muitas das tragédias conjugais de que é vítima a colónia do cinema surgiram por causa da validade artistica, do sentimento orgulhoso de não ser colocado em segundo lugar?...

Necessita-se amar deveras o seu prestigio artistico e ter valor para recusar sem vacilações e tomar o segundo lugar quando se trata de dar a preferência ao marido, a uma irmã ou ao melhor amigo... Um facto destes ocorreu ainda ha pouco tempo em Hollywood. — William Powell é o melhor e o inseparável amigo de Ronald Colman. Cada um faria todos os sacrificios pelo outro. Excepto, é claro, o sacrificio de apparecer em segundo lugar em qualquer artigo de publicidade... Certa vez um jornalista acerrou-se de Powell e sabendo da amizade que o unia a Colman, pediu-lhe para lhe contar algumas anedotas do seu amigo, que ainda não tivessem chegado a público. Desgraçadamente o pobre jornalista teve a desventura de dizer: «Ao falar de



George Fitzmaurice dirigindo Greta Garbo e Ramon Novarro, numa cena de «Mata-Hari»



Marion Davies, a artista que nunca perde uma oportunidade

Ronald Colman poderel fazer a sua publicidade... Mencionarei o seu nome...

Em má hora disse tal coisa!... William Powell pós-se lívido... Abandonou a mesa e elevando-se sobre os tacões para dar mais importância ao seu protesto, acusou o jornalista de querer aproveitar-se dele para fazer a publicidade do outro e disse:

— «Ronald é o meu melhor amigo, mas não posso contar nenhuma coisa interessante dele sem roubar fama a mim mesmo... tenho de proteger o meu prestígio!...»

Parece isto cruel e sobretudo interesseiro e sujo quando se faz ao nosso melhor amigo? Talvez... Mas, na linguagem vernacular de Hollywood, isto quer dizer «ter cabeça para os negócios»... «O interesse num lado e a amizade noutro...»

Recordemos um desses espectáculos de luta profissional e ansiedade de publicidade. Quando em 1927 Lindbergh chegou a Los Angeles depois do seu vôo fantástico, Marion Davies, — artista que nunca perde uma oportunidade para receber reglamente qualquer celebridade que chega à Califórnia —, convidou a Aguia Americana para assistir a um jantar que dava em sua honra.

De como Marion Davies pôde lograr fazer o convite antes que Mary Pickford o fizesse é coisa que nunca ninguém o poderá saber... Porque também a esposa de Douglas oferece a sua melhor hospitalidade aos personagens famosos ou que pertencem a famílias reais, — que é o fraco dos Falibanks...

Mas desta vez Marion andou mais depressa e Lindbergh aceitou o seu convite. A visita do famoso aviador à cidade de Los Angeles devia ser breve, e assim o Hotel Ambassador ficou repleto da mais importante sociedade do celuloide e do mundo financeiro e diplomático. Muitas «estrelas» do cinema estavam presentes; Marion teve a honra de se sentar à direita e Mary à esquerda do rapazola que havia domado os elementos...

Neste banquete, — conta-o alguém que a êle também assistiu —, podia-se ver as duas artistas em plena luta, medindo-se com a arma afiada dos seus sorrisos, enquanto os olhos fulguravam e os cérebros se mantinham em tensão para acertar com a frase feliz que surpreendesse o hospede, dando a uma delas a vantagem de toda a atenção.

Todavia, não sabemos se por Lindbergh ser mais versado nos caminhos do ar do que nas lutas internas da colónia chinesa, ou talvez até por essa galharda despreocupação que sente por tudo o que não seja a sua arte infinita de voar, a questão é que a batalha ficou sem solução.

O pobre rapaz sem dúvida que teve dores de cabeça essa noite, porque se voltava para um e para o outro lado tratando de ser cortez para ambas as artistas...

Das amigas inseparáveis e queridas do cinema sustentaram há pouco uma dessas batalhas sem quartel para ganhar o primeiro posto no programa e manter a sua supremacia: Evelyn Brent e June Clyde. É certo que a primeira é uma artista veterana, de fama estabelecida, enquanto que June é simples-

mente uma «radiosa esperança» que ainda não deu um passo definitivo para a glória.

Conta-se que Evelyn recomendou à sua amiga para tomar a seu cargo o papel juvenil num filme onde deveria aparecer, e cada uma estudou os seus papéis... Evelyn representava o papel de mulher sabia nos complexos e inquietantes problemas do amor... June o da rapariga ingénua a quem o noivo engana com pasmosa facilidade...

Frente da câmara, June, cheia de emotividade e sentindo de-veras na alma o papel que representava, chorou e suplicou de maneira tam ardente e com tanto apaixonamento pedindo à «vamp» para deixar o seu noivo que Evelyn percebeu a realidade que encerravam aquelas lágrimas e aquele fogo artístico.

June não seria já a rapariga simples que inspira simpatias: seria a artista que se revela

suprema e emotiva e que roubaria a Evelyn, — artista já consagrada —, o seu momento de glória... E Evelyn começou também a chorar perante a máquina cinematográfica, e os seus olhos enormes, negros como abismos, perlarão-se de lágrimas cristalinas que os faziam ainda mais belos... O director já gritava desesperado, — porque Evelyn, na película a mulher má e fria, estava a estragar a cena porque não devia chorar...

Por fim, terminou-se aquela película mudando a história... E June não mais teve oportunidade de se revelar como uma imensa trágica em frente da sua maior amiga, — para não lhe roubar a glória...

... Hollywood está cheio do egoismo inevitável de uns e da critica de outros. Estranho paradoxo onde o melhor amigo se converte no mais cruel dos inimigos, a despeito de sentir sempre o mesmo grau de afeição sincera pelo camarada.

Que importa! Hollywood será sempre a quimera doirada daqueles que vivem em longínquos países, dos que sonham com o brilho esplendoroso dos seus astros, com as pompas aladinescas das suas festas e com a arslia das suas fortunas!...



Evelyn Brent, para não ver ofuscado o seu brilho de «estrela», soube colocar June Clyde à margem

### «Os Dez Mandamentos», filme falado

A «Paramount» vai fazer a versão falada de «Os

Dez Mandamentos», que focará episódios modernos, tendo como base do argumento a rebeldia da juventude russa contra a velha religião. Este filme será começado em 26 de Março, com a co-direcção de Dudley Murphy e William Schorr, e super-visão de Berjamim Glazer.

### Novo filme de Henry Garat

Henry Garat, que recentemente terminou para a «Ufa» a fita «Dois Corações a Compasso», com Lillian Harvey, começou já interpretando em França uma película para a «Paramount». Intitula-se «Une femme dans un train» («Uma mulher num comboio»), com Meg Lemonnier como primeira actriz. Karel Anton é o realizador.

Férias... Primeiro, dormimos na areia... Depois, dançamos, mexemo-nos, fizemos barulhos... Agora, descansados, acalmados, devaneamos... Não tinha vontade de falar do «studio», nem do filme, nem dos papéis... E então veio-me uma ideia estranha...

— Que pensa você da vida? — perguntei um dia, à queimadura, à minha vizinha.

Ela recosia as costas ao sol, enterrando os dedos na areia.

— Da vida? — exclamou ela, fungando —: não sei, nunca pensei nisso.

Fui indo dum para outro, paciente, tenaz, obstinada, e lancei, ao passar, este ponto de interrogação, que provoca tantas respostas diferentes quantos são os seres que vivem na terra.

— A vida... — disse R'chard Dix —, é um livro que começa como um belo romance de aventuras, que se torna de página a página cada vez mais amargo e mais áspero e que termina com uma nota ironicamente resignada.

A vida... — disse Dorothy Mackaill —, é um belo match... E' mister possuir saúde, vontade, coragem, e depois... também... e principalmente, o gosto da felicidade... saber rir... o grande segredo!

— A vida... — disse Lupe Velez —, é apenas a hora que passa, que foge... O passado está abolido, o futuro é incerto... Já não é vida... ainda a não é... Para mim, só o presente é que conta...

— A vida... — disse Constance Bennett —, é um desses jogos de cartas em que interveem ao mesmo tempo o acaso e às decisões do jogador... O dinheiro que se arrisca é a felicidade... Trata-se de jogar sem trapassar, sem trer e sem ter medo de colocar na banca tudo que se possui... para que a partida seja mais apaixonante.

— A vida... — disse Bebe Daniels —, é a acção, trabalhar... Qualquer que seja o artifice e a profissão que exerce, deve pôr no trabalho todas as suas energias. Julgará talvez que o seu esforço é um meio de chegar à fortuna, à glória, ao poder... Perceberá um dia que esse esforço era o fim em si-mesmo.

— A vida... — disse Neil Hamilton —, mas, meu Deus, é um bem apreciável... e até os que parece desprezarem-na receiam muito perdê-la. A vida... drama e farça à mistura... *coktail*... às vezes embriagante...

— A vida... disse Billie Dove —, é uma cartomante que promete sempre, para logo, para amanhã, a felicidade... Amanhã... expectativa ilusória... tantas vezes traída... Não de-

## FILOSOFIA DE HOLLYWOOD



A vida... — no dizer de Billie Dove —, é uma cartomante que promete sempre, para logo, para amanhã, a felicidade...



A vida... — na opinião de Helen Twelvetrees —, é um gracejo, que a gente cai na tolice de tomar a sério...

vemos confiar muito nas promessas da vida.

— A vida... — disse Marie Dressler —, é um banco a que se torna necessário abrir crédito, mesmo quando as acções baixam. Os clientes que não deseperam veem a receber sempre os seus cupões... simplesmente não devem ser exigentes quanto às datas de pagamento... cedo ou tarde, a felicidade vem quando pode... a felicidade, interesse composto das nossas boas vontades...

— A vida... — disse Helen Twelvetrees —, é um gracejo, que a gente cai na tolice de tomar a sério. Ha um único meio de não sermos iludidos: ter o sentido do bom-humor... e a vida então parece agraável.

— A vida... — disse emfim Joan Crawford —, é o amor... Antes de amar, ninguém tem a consciencia da sua existência, e, quando ama, só pensa na do ser amado... Toda a minha vida está oferecida a Doug... é por êle que a desejo tam bela quanto for possível. E' o dom de cada hora consagrado áquele que deu a tudo para mim a sua razão de ser e a palavra felicidade um sentido absoluto e real...

A vida... tal é, pois, a vida... ou pelo menos assim êles a veem... Recolhi um a um estes pensamentos que encontro nas páginas do meu *carpet*, para os reunir em ramo desageitado.

Uma pergunta feita ao acaso num dia de ócio... Um silêncio curto... nos olhos, uma sombra ou uma chama... Depois, vinha a resposta, e se o enigma era muito obscuro (porque sabe-se lá o que é verdadeiramente a vida!) eu era uma esfinge inofensiva interrogando Édipos de espirito pronto. Todos responderam com fé, com amargura ou com ironia... porque a vida tem cem rostos diversos... Mas não sou eu que devo fazer filosofia

SADIE OSBORNE.

### Anna Sten contratada por Samuel Goldwyn

A jovem actriz russa Anna Sten, que tem trabalhado na Alemanha, onde fez, entre outras, a protagonista da versão alemã de «A Loucura de Monte Carlo» e, recentemente, de «Traição», com Emil Jannings, foi contratada por Samuel Goldwyn para a primeira actriz de «Irmãos Karamazov», em que Ronald Colman é o principal interprete.

Anna Sten passará a fazer parte da «United Artists», e deve partir de Paris, para Hollywood, no dia 12 de Abril próximo.



**LIL DAGOVER**  
—a mulher de Balzac— a  
mulher de 30 anos...

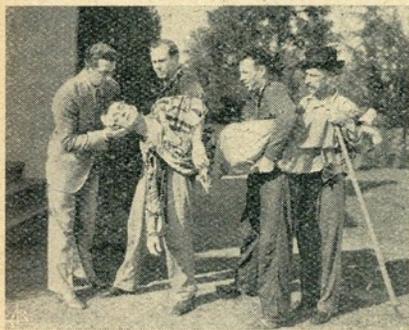
JORGE RAMOS.

(Reprodução de postal «Ross» — Luxus)

# Pelos nossos Cinemas

**PAMPLINAS EM PIJAMA** (Parlor, Bedroom and Bath): — Dos filmes falados de Buster Keaton, este é o que mais convenceu o público de que o famoso cómico, se perdeu algumas das suas qualidades com o fonocinema, nem por isso deixou de continuar a ser um dos primeiros artistas do género.

«Pamplinas em Pijama», (como se explica a exibição com este título, se a legenda do filme diz «Romeu em Pijama»?) possui duas partes bem distintas. A primeira, sem ser demasiadamente cómica, faz rir moderadamente, graças a uma ou outra situação bem imaginada, em que Reginald Denny e Dorothy Christy têm actuação mais importante do que propriamente Buster Keaton, e



graças, principalmente, às legendas, que Chagas Roquette escreveu com muito espírito. A segunda parte apresenta-se acentuadamente cómica, e é aí que Buster Keaton faz salientar o seu valor pessoal, mais do que os *gags* que se sucedem até o final da película. A lição de amor entre Buster Keaton e Charlotte Greenwood, e a seguir, a demonstração prática que ele faz nas pessoas de Joan Peers, Natalie Moorhead e Dorothy Christy, revelam toda a potência cómica de Buster Keaton e constituem os pontos culminantes do filme, que levam uma plateia às mais sãs gargalhadas, 100% sonoras.

Leitor! Não deixes de ver «Pamplinas em Pijama»! E depois ficas a conhecer a Joan Peers, a Sally Eilers (esposa do Hoot Gibson), a Natalie Moorhead,

se é que já conhecias a Dorothy Christy. Ai, a Dorothy Christy!...

Autores: Charles W. Bell e Mark Swan. Cenarista: Richard Schayer. Fotógrafo: Leonard Smith. Director de som: Karl Zint. Realizador: Edward Sedgwick. Intérpretes: Reginald, Buster Keaton; Jeffrey Heywood, Reginald Denny; Angelica Embrey, Dorothy Christy; Virginia Embrey, Sally Eilers; Nita Leslie, Joan Peers; Polly, Charlotte Greenwood; O groom, Cliff Edwards; Leila Crofton, Natalie Moorhead; O

pára se impôr às plateias do público dos cinemas. Reconhece-se em Victor Boucher os predicados de um bom actor, mas actor para pisar os palcos, para representar, para dialogar. E se ele tem qualidades para artista de cinema, dificilmente lhas podemos reconhecer num filme bastante conversado, a que André Berthomieu não conseguiu dar feição cinematográfica. A dentro dessa fórmula teatralizada, o filme está cheio de situações engraçadas, em que Victor Boucher mostra o seu grande valor, polvilhado de frases espirituosas que aquele actor diz pavorosamente.

## “Os nossos Brindes”

com o presente número, ficam os leitores habilitados a requisitar

### “O Amor Vence”

segunda obra da “Colecção de Sempre”, magnífica produção do brilhante escritor francês Jules de Gastyne, traduzida por João Fernandes.

As condições em que deve ser feita a requisição são as já indicadas e a entrega é feita no Porto e em Lisboa pelas mesmas casas que nos números anteriores já citamos.

## IMPORTANTE

Em virtude de um atrazo na brochura estes livros só começam a ser distribuídos na terça-feira, 19 do corrente.

*Detective*, Edward Brophy; *Frederick Leslie*, Walter Merrill.

Produzida em 1930-31 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 11 Abril 1932.

**O REI DA Sorte** (Gagne ta vie!) — Victor Boucher, um excelente actor francês, actor de teatro que o fonocinema trouxe até nós, não deixou saudades com o seu primeiro filme «A Doçura de Amar». Agora, com «O Rei da Sorte» (que me parece uma tradução infeliz de «Gagne ta vie!»), porque não está muito de acordo com o entretcho) Victor Boucher aparece-nos mais à vontade, mas nem por isso com muitas qualidades

Dolly Davis, que pela primeira vez nos aparece num fonofilm, não tem grande ocasião para sobressair.

«O Rei da Sorte» deve ser um filme bem aceite pelo público que entenda o francês, à altura de acompanhar toda a subtilidade do diálogo, que as legendas só de longe podem dar a conhecer.

Autores: Albert Villemetz e René Pujol. Realizador: André Berthomieu. Autor musical: Henry Verdun. Intérpretes: Victor Boucher, Dolly Davis, A. Dubosc, R. Goupil, Florencie e Fred Marche.

Produzida em 1931 por «Jacques Haik». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Olimpia» em 11 Abril 1932.

**A AMOROSA AVENTURA** (L'Amoureuse Aventure): — Vamos mal, esta semana, com os títulos dos filmes! Também não percebi ainda, porque a este não se chamou de preferência «Aventura Amorosa»... Mas, vamos ao filme. Wilhelm Thiele

## Efemérides da semana

De 16 a 22 de Abril

- Abril 16 (1889) — Nasce em Londres o actor Charlie Chaplin (Charlot).  
17 (1924) — E' fechado o contrato entre a «Metro» e a «Goldwyn», para a fusão de que resultou a «Metro-Golwyn-Mayer».  
18 (1919) — Nos cinemas «Trindade» e «Batalha», do Porto, estreia-se o filme em séries «O Az de Ouros», com Marie Walcamp.  
19 (1919) — Estreia-se no «Central», de Lisboa, a fita «O Fauno», com Febo Mari e Helena Makowska.  
20 (1928) — Richard Barthelmess casa com Jersica Sargent.  
21 (1919) — Estreia-se no «Olimpia», de Lisboa, a fita «A Sacrificada», com Francesca Bertini.  
22 (1909) — Inaugura-se em Lisboa o cinema «Olimpia».

## Nesta semana fazem anos:

De 16 a 20 de Abril

- Abril 16 — Charlie Chaplin (43).  
16 — Doris Dawson (23).  
16 — Fify Dorsay (25).  
18 — Marion Douglas (24).  
19 — Constance Talmadge (32).  
19 — Lina Basquette (25).  
20 — Harold Lloyd (39).  
20 — Arthur Lake (23).

é he) um dos mais consagrados realizadores europeus. Se no cinema silencioso alguma coisa havia já produzido, foi com o sonoro que W. Thiele impôs a sua personalidade, as suas amplas predisposições para a realização fonofilmica.

Um dos primeiros a compreender as enormes possibilidades da junção da música e das imagens, numa aliança de grandes efeitos quando utilizada com inteligência e gosto, Wilhelm Thiele, que em «A Valsa do Amor» fizera, hesitante, as primeiras tentativas dessa aliança, empregou-as decidida e positivamente em «O Caminho do Paraíso», e, pouco depois, em «O Senhor Director».

Agora, em «A Amorosa Aventura», W. Thiele foge um pouco a essa vinca da utilização que tem dado aos seus filmes as qualidades de cine-operetas, para cuidar mais da descrição lógica, ou melhor, positiva, do enredo, conseguindo o amplamente, sem perder nenhum dos seus méritos, antes impondo-se como um director de recursos muito largos.

A despeito de ser tirado duma peça de d'Armout e Gerbidon, o filme não apresenta nenhuns desses terríveis atributos dos filmes que são teatro-filmado. F. Schultz fez dela um cenário absoluta-



mente «cinema», e Wilhelm Thiele conduziu-o suavemente, dando-nos sucessivas imagens de grande beleza, movimentando-as com o depurado sentido cinográfico que lhe é peculiar, e das quais ha que salientar as cenas do baile-musette e as do fotógrafo, pela harmonia da sua composição, e a do jantar no telhado, pela beleza da sua inspiração.

Marie Glory, uma linda actriz, tem na Irene Verdier um papel que a faz subir mais um ponto na sua cotação artistica. Albert Préjean fez o seu Marcel com a observação cuidada dos bons artistas, a par do à-vontade extr.ordinário diante da câmara, qualidades que fizeram dele um dos grandes actores do cinema francês.

Canções agradáveis, com linda música de Ralph Erwin esmaltam «A Amoro-

sa Aventura», uma comédia que honra a cinematografia francesa, a-pesar-de ser dirigida por um realizador estrangeiro...

Autores: P. Armout e M. Gerbidon. Cenarista: F. Schultz. Decorador: R. Gys. Autor musical: Ralph Erwin. Versos de A. Mauprey. Fotógrafos: N. e F. Farkas. Director de som: H. Storr. Realizador: Wilhelm Thiele. Intérpre-

tes: Irene Verdier, Marie Glory; Eve, Jeanine Boittel; Marcel Touzet, Albert Préjean; Outros intérpretes: Mady Berry, Paulette Dubost, Elisabeth Pinajeff, Marcel André.

Produzida em 1931 por «Marcel Vandal e Charles Delac». Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Trindade» em 12 Abril 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Incontestavelmente o  
melhor receptor é o

**M E N D E**

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

**BATALHA**  
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

GRANDE EXITO DE GARGALHADA

**Harold Trepá-Trepá**

Super-produção interpretada pelo famoso comico HAROLD LLOYD

A SEGUIR:

**O Lobo da California**

Grandioso fonofilme de aventuras, com o famoso actor-cow-boy KEN MAYNARD

**PREÇOS POPULARES**  
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

**N.º 13**

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 21 e 23 de Abril  
OLYMPIA—Matinées de Quinta-feira e Sábado, 21 e 23 de Abril  
BATALHA—Matinée de Quinta-feira, 21 de Abril  
CINE-ODEON—Soirée de Sábado, 23 de Abril

**DOIS** são os motivos pelos quais os  
empresários dos cinemas marcam filmes:



**1.º** PARA ENCHER OS PROGRAMAS —

**E QUALQUER FILME SERVE**

**2.º** PARA ENCHER OS LOGARES DAS SUAS SALAS —

**E SERVEM OS FILMES DE**



**Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>**

*a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos.*